



TRADUÇÃO E NOTAS DE A *TRANSITORIEDADE*, DE SIGMUND FREUD

Matheus dos Reis Gomes*

RESUMO

Durante a Primeira Guerra Mundial, em 1915, Sigmund Freud escreveu *Vergänglichkeit*, um pequeno ensaio que reflete, entre outros temas, sobre a efemeridade da vida e da beleza. Publicado originalmente em alemão, o ensaio explora como a consciência da transitoriedade influencia a psique humana, através de um diálogo entre Freud, um jovem poeta e um amigo taciturno. Freud discute a fragilidade do belo, a valorização da transitoriedade, o luto, a libido, o impacto da guerra e a renovação de sentido diante da inevitabilidade do declínio.

Palavras-chave: Freud, Psicanálise, Transitoriedade.

TRANSLATION AND NOTES ON SIGMUND FREUD'S *ON TRANSIENCE*

ABSTRACT

During the First World War in 1915, Sigmund Freud wrote *Vergänglichkeit*, a short essay that reflects, among other themes, on the ephemerality of life and beauty. Originally published in German, the essay explores how the awareness of transitoriness influences the human psyche through a dialogue between Freud, a young poet, and a melancholic friend. Freud discusses the fragility of beauty, the appreciation of transitoriness, mourning, libido, the impact of war, and the renewal of meaning in the face of the inevitability of decline.

Keywords: Freud, Psychoanalysis, Transience.

ÜBERSETZUNG UND ANMERKUNGEN ZU *VERGÄNGLICHKEIT* VON SIGMUND FREUD

ZUSAMMENFASSUNG

Während des Ersten Weltkriegs, im Jahr 1915, schrieb Sigmund Freud *Vergänglichkeit*, einen kurzen Aufsatz, der unter anderem die Vergänglichkeit des Lebens und der

* Possui bacharelado (2017) em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), especialização (2019) em Ciência da Religião pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP), licenciatura (2022), bacharelado (2023) e mestrado (2024) em Filosofia pela UFJF. Atualmente é doutorando (2024-presente) em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5534-8886>. O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.



Schönheit reflektiert. Ursprünglich auf Deutsch veröffentlicht, erkundet der Aufsatz, wie das Bewusstsein der Vergänglichkeit die menschliche Psyche beeinflusst, durch einen Dialog zwischen Freud, einem jungen Dichter und einem schweigsamen Freund. Freud diskutiert die Fragilität der Schönheit, die Wertschätzung der Vergänglichkeit, Trauer, Libido, den Einfluss des Krieges und die Erneuerung der Bedeutung angesichts der Unvermeidlichkeit des Verfalls.

Schlüsselwörter: Freud, Psychoanalyse, Vergänglichkeit.

Introdução

Escrito em 1915, durante a turbulência da Primeira Guerra Mundial, *Vergänglichkeit* é uma importante reflexão de Sigmund Freud sobre a efemeridade da vida e da beleza. Neste ensaio, originalmente publicado em alemão no volume *Das Land Goethes 1914–1916: Ein vaterländisches Gedenkbuch*, p. 37-38, a pedido da Associação Goethe de Berlim (*Berliner Goethebund*), e na qual também se baseou a presente tradução¹³⁹, Freud explora, a partir de um diálogo entre ele próprio, um jovem poeta e um amigo taciturno, como a consciência da transitoriedade afeta a psique humana. O texto aborda a desilusão e a melancolia que podem surgir diante da beleza passageira e do inevitável declínio.

Neste texto, Freud se detém sobre o conceito de ‘transitoriedade’ (*Vergänglichkeit*), desafiando, *grosso modo*, cinco pontos importantes:

- a) transitoriedade e fragilidade do belo;
- b) a valoração da transitoriedade;
- c) luto e libido;
- d) impacto da Guerra e
- e) reconstrução e renovação de sentido.

Freud (1916, p. 37-38) argumenta essas ideias a partir do seguinte: a consciência da transitoriedade exacerba o valor das coisas, ou seja, a percepção da caducidade intensifica a apreciação e a valoração de algo enquanto perdura. Embora o conteúdo do texto revele um exame dos princípios da psicanálise, já difundidos no pensamento europeu

¹³⁹ FREUD, Sigmund. *Vergänglichkeit*. In: *Das Land Goethes 1914–1916. Ein vaterländisches Gedenkbuch*. Herausgegeben vom Berliner Goethebund. Stuttgart und Berlin: Deutsche Verlags-Anstalt, 1916, p. 37-8.



do início do século XX, sua forma adota um estilo ensaístico e introspectivo. De fato, o texto abarca uma reflexão pessoal de Freud sobre a percepção da transitoriedade, seguida pela introdução do diálogo com o jovem poeta, que serve como uma metáfora. Freud então apresenta uma série de argumentos para contrapor o pessimismo do poeta, finalizando com uma reafirmação da importância de encontrar significado e valor na efemeridade da vida.

Notando que os sentimentos de patriotismo, afeição pelos próximos e orgulho das semelhanças se intensificam na libido empobrecida em relação aos objetos, em resposta às perdas da guerra, Freud questiona se os bens perdidos realmente foram desvalorizados por se revelarem efêmeros e vulneráveis. Para alguns, parece que sim, mas Freud considera isso um equívoco. Aqueles que aparentam estar prontos para uma renúncia permanente, devido à transitoriedade dos bens preciosos, estão na verdade imersos no luto pela perda. O luto, apesar de doloroso, se resolve espontaneamente, consumindo-se ao renunciar ao que foi perdido. Nesse momento, a libido se liberta e busca novos objetos de valor igual ou maior, enquanto houver juventude e vigor. Freud espera que as perdas da guerra não sejam diferentes; após o luto, a apreciação dos bens culturais não será prejudicada pela fragilidade experimentada. A reconstrução será possível, talvez em bases mais sólidas e duradouras.

A TRANSITORIEDADE

Há algum tempo¹⁴⁰, fiz, na companhia de um amigo¹⁴¹ taciturno e de um jovem

¹⁴⁰ Em agosto de 1913, conforme observado por James Strachey (Cf. Freud, 1916 [1915]/1957, p. 303), editor das obras completas de Freud em língua inglesa, Freud esteve nas Dolomitas, uma cadeia montanhosa dos Alpes Orientais localizada no norte da Itália (Cf. Freud, 1916 [1915]/1957, p. 305). A partir desse cenário, Freud inicia o primeiro parágrafo do ensaio.

¹⁴¹ Conforme Lehmann (1966, p. 423), para preservar o anonimato dos envolvidos, Freud (1916, p. 37) optou por referir-se a Lou Andreas-Salomé, uma amiga, como se fosse um amigo, e ao poeta Rainer Maria Rilke simplesmente como um 'jovem poeta'. Lou Andreas-Salomé, nascida em 1861 em São Petersburgo, foi uma escritora, filósofa e psicanalista notável por sua independência intelectual. Amiga e colaboradora de figuras como Nietzsche, Rilke e Freud, desafiou as convenções sociais e as expectativas de gênero de sua época. Na psicanálise, contribuiu significativamente para a compreensão das dinâmicas de gênero e sexualidade feminina (Cf. Astor, 2016). Rainer Maria Rilke, nascido em 1875 em Praga, foi um dos poetas mais importantes do século XX (Cf. Freedman, 1998). Lehmann (1966, p. 423) baseou esta interpretação da preservação do anonimato na publicação *The Freud Journal*, de Lou Andreas-Salomé (1964). Nesse texto,



poeta¹⁴² já bastante conhecido, um passeio por uma paisagem¹⁴³ de verão em plena floração. O poeta admirava a beleza da natureza ao nosso redor, porém sem se deleitar com ela¹⁴⁴. O pensamento de que toda essa beleza estava destinada a desaparecer o incomodava, assim como a ideia de que ela desapareceria no inverno¹⁴⁵, juntamente com toda a beleza humana e tudo o que é belo e nobre que os seres humanos criaram e poderiam criar¹⁴⁶. Tudo o que ele teria amado e admirado em outras ocasiões parecia-lhe desvalorizado pelo destino da transitoriedade ao qual estava destinado.

Sabemos que tal desaparecimento e fragilidade de tudo o que é belo e perfeito¹⁴⁷ podem derivar em dois diferentes movimentos na psique. Um leva ao doloroso desencanto do mundo¹⁴⁸ pelo jovem poeta, o outro à rebelião contra a suposta realidade afirmada¹⁴⁹.

Lou Andreas-Salomé relata o congresso de Munique, ocorrido nos dias 7 e 8 de setembro de 1913, onde menciona: “Gebtsattel [...] finalmente se sentou no canto de Freud, enquanto eu trazia Rainer. Fiquei encantada em apresentar Rainer a Freud; eles gostaram um do outro, e ficamos juntos naquela noite até tarde” (Andreas-Salomé, 1964, p. 164, tradução nossa). Dessa forma, tudo indica que Freud utilizou o cenário do passeio pelas Dolomitas e a conversa que manteve com Lou Andreas-Salomé e Rainer Maria Rilke como inspiração para escrever o ensaio. A escolha de Freud em usar pseudônimos ou descrições vagas, como ‘um jovem poeta’, destaca sua preocupação com a confidencialidade e o respeito à privacidade de seus interlocutores. A relação complexa e multifacetada entre Freud, Lou Andreas-Salomé e Rainer Maria Rilke é evidenciada tanto nas trocas pessoais quanto nas influências intelectuais mútuas.

¹⁴² Como mencionado na nota anterior, esse ‘jovem poeta’ é Rainer Maria Rilke.

¹⁴³ Nas Dolomitas.

¹⁴⁴ James Strachey (Cf. Freud, 1916 [1915]/1957, p. 303) destaca um ponto curioso: o ensaio incorpora um postulado da teoria do luto, delineado por Freud em ‘Luto e Melancolia’ (1917/1957, p. 239). Embora o texto tenha sido escrito alguns meses antes, sua publicação ocorreu apenas dois anos depois. Essa concepção, que impede o deleite na beleza da natureza devido à consciência de sua transitoriedade, ressoa profundamente nas reflexões de Freud sobre melancolia e luto.

¹⁴⁵ Freud emprega o inverno como metáfora para a morte e a decadência. Para uma análise mais aprofundada da simbologia do inverno, consulte Joseph Campbell, *The Hero with a Thousand Faces*, New World Library, 2008, p. 31; 63; 31; 198; 278; 308; 328; 348; 355.

¹⁴⁶ Em *Zeitgemässes über Krieg und Tod* [Considerações atuais sobre a Guerra e a Morte], escrito em 1915, Freud (1915/1949, p. 323) aborda a desilusão provocada pela Primeira Guerra Mundial, revelando a fragilidade inerente à civilização e à cultura humanas. Ele argumenta que a guerra destrói o senso de permanência e segurança, expondo a natureza efêmera das realizações humanas. Para uma análise contextual, ver Sigmund Freud, *Zeitgemässes über Krieg und Tod*. In: *Gesammelte Werke*, vol. X. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1949, p. 323-55. Para uma análise contextual mais ampla, cf. Jay Winter, *Sites of Memory, Sites of Mourning: The Great War in European Cultural History*, Cambridge University Press, 1998.

¹⁴⁷ Rainer Maria Rilke também explora a efemeridade da beleza em suas obras, especialmente nas *Elegias de Duíno*. Para uma análise detalhada, ver: Rainer Maria Rilke, *Elegias de Duíno*. Porto Alegre: Globo Livros, 2013.

¹⁴⁸ A ideia de ‘doloroso desencanto do mundo’ remete à noção de *Weltüberdruß*, um termo alemão que descreve um sentimento profundo de melancolia e pessimismo diante da imperfeição do mundo.

¹⁴⁹ A ‘rebelião contra a suposta realidade afirmada’ pode ser interpretada como uma forma de negação ou resistência psicológica, conceitos explorados por Freud em seus estudos sobre os mecanismos de defesa,



Não, é impossível que todas essas maravilhas da natureza e da arte, do nosso mundo emocional e do mundo exterior, realmente se dissolvam em nada¹⁵⁰. Seria uma insensatez e uma blasfêmia acreditar nisso. Essas coisas devem poder continuar existindo de alguma forma, livres de todas as influências destrutivas.

No entanto, essa exigência de eternidade é claramente um produto bem-sucedido de nossos desejos, e não pode reivindicar nenhum valor de realidade¹⁵¹. Até o doloroso pode ser verdadeiro¹⁵². Eu não pude me decidir a negar a transitoriedade universal, nem a forçar uma exceção para o belo e o perfeito. Mas refutei ao poeta pessimista que a transitoriedade do belo¹⁵³ acarreta uma desvalorização do mesmo.

Pelo contrário, é uma valorização! O valor da transitoriedade é um valor de raridade no tempo¹⁵⁴. A restrição na possibilidade de desfrutar aumenta a sua preciosidade. Declarei ser incompreensível como o pensamento da transitoriedade¹⁵⁵ do belo poderia obscurecer nossa alegria nele. No que diz respeito à beleza da natureza, ela retorna a cada ano após cada destruição pelo inverno, e esse retorno pode ser descrito como eterno em relação ao nosso tempo de vida. A beleza do corpo humano¹⁵⁶ e do rosto vemos desaparecer dentro de nossa própria vida para sempre, mas essa efemeridade acrescenta

como em *Das Ich und das Es* (1923/2000). Para uma análise detalhada, ver: Sigmund Freud, *Das Ich und das Es* (1923). In: *Sigmund Freud Studienausgabe*, v. 3, 2000, p. 273-330.

¹⁵⁰ A afirmação de que ‘é impossível que todas essas maravilhas [...] se dissolvam em nada’ reflete uma visão otimista e uma resistência à aceitação da mortalidade e finitude, temas centrais na obra *Die zukunft einer illusion* [O futuro de uma ilusão]. Cf. FREUD, Sigmund. *Die zukunft einer illusion*. BoD–Books on Demand, 2022.

¹⁵¹ Freud discute aqui a natureza das demandas humanas por eternidade, argumentando que estas são construções psicológicas que não correspondem à realidade objetiva. Para uma análise detalhada, ver: Sigmund Freud. *Die zukunft einer illusion*. BoD–Books on Demand, 2022.

¹⁵² A frase ‘até o doloroso pode ser verdadeiro’ sugere uma visão psicológica em que o sofrimento pode ser uma experiência genuína e significativa, conforme abordado por Freud em *Jenseits des lustprinzips*. Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1920.

¹⁵³ Freud parece contrastar sua visão sobre a transitoriedade do belo com a possibilidade de que essa percepção possa obscurecer nossa capacidade de experimentar alegria diante do belo, ver: Michael Levine, *Freud’s aesthetics: artists, art and psychoanalysis*. In: *Psychoanalysis and Philosophy of Mind*. Routledge, 2018, p. 137-162.

¹⁵⁴ Para uma consideração das variações textuais e traduções do conceito de transitoriedade em Freud, ver Liran Razinsky, *On Time, Transience and Literary Creation: Freud and Rilke a Century Ago*. In: *Forum for Modern Language Studies*. Oxford University Press, 2015, p. 464-479.

¹⁵⁵ Freud contrasta sua visão sobre a transitoriedade do belo com a possibilidade de que essa percepção possa obscurecer nossa capacidade de experimentar alegria diante do belo. Para uma interpretação contrastante, ver Martin Heidegger, *Der ursprung des kunstwerkes*. Klostermann, 2012.

¹⁵⁶ A interpretação de Freud sobre a beleza efêmera do corpo humano pode ser vista como uma extensão de seu conceito de ‘Eros’ e do ‘princípio do prazer’.



um novo encanto a eles. Se existe uma flor que floresce apenas por uma única noite, sua floração não nos parece menos magnífica por causa disso¹⁵⁷. Assim como a beleza e a perfeição da obra de arte e do desempenho intelectual não deveriam ser desvalorizadas pela sua limitação temporal, também não pude concordar. Pode chegar um momento em que as pinturas e estátuas que admiramos hoje tenham se deteriorado¹⁵⁸, ou uma geração futura que não compreenda¹⁵⁹ mais as obras dos nossos poetas e pensadores, ou até mesmo uma época geológica em que toda a vida na Terra se silencie. O valor de toda essa beleza e perfeição é determinado apenas pelo seu significado para nossa vida emocional, não precisa perdurar em si¹⁶⁰ e, portanto, é independente da duração temporal absoluta.

Achei essas considerações incontestáveis, mas percebi que não causaram impressão no poeta e no amigo. A partir desse fracasso, concluí que houve a interferência de um poderoso fator emocional que obscureceu o julgamento deles, e acreditei ter encontrado isso mais tarde também¹⁶¹. Deve ter sido a revolta psíquica contra o luto que desvalorizou para eles o desfrute do belo¹⁶². A noção de que essa beleza é passageira deu aos dois seres sensíveis um vislumbre do luto por sua destruição¹⁶³, e como a psique instintivamente se afasta de tudo o que é doloroso, eles sentiram seu prazer na beleza

¹⁵⁷ A metáfora da flor efêmera em Freud ilustra a ideia de que a transitoriedade não diminui a beleza, mas sim a intensifica. Este conceito é fundamental para compreender sua abordagem à estética e à psicologia do prazer.

¹⁵⁸ A concepção de que as obras de arte estão sujeitas à deterioração física ao longo do tempo é um tema recorrente na filosofia da arte. Para um estudo aprofundado sobre esse assunto, consulte David Carrier, *A world art history and its objects*. Penn State Press, 2008, p. 61-74.

¹⁵⁹ Freud sugere que futuras gerações podem não compreender mais as obras dos poetas e pensadores atuais, um fenômeno discutido nas teorias da recepção. Para mais informações sobre este tema, consulte Polan, D. B., Jauss, H. R., & Bahti, T. Toward an aesthetic of reception, *Journal of Aesthetics and Art Criticism*, 41(3): 354, 1983.

¹⁶⁰ A ideia de que a beleza e a perfeição não necessitam de permanência intrínseca para serem valiosas reflete uma visão que desafia a noção clássica da arte eterna. Este conceito pode ser comparado à noção estética de Gianni Vattimo. Para mais detalhes, consulte Gianni Vattimo, *La fine della modernità*. Milão: Garzanti, 1999.

¹⁶¹ Cf. FREUD, Sigmund. Trauer und Melancholie. In S. Freud, *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

¹⁶² Freud sugere que a incapacidade de apreciar a beleza está ligada à resistência emocional ao luto. Esta resistência é um mecanismo de defesa psíquica. Para mais informações sobre os mecanismos de defesa, consulte Sigmund Freud, *Hemmung, Symptom und Angst* (1926). In: *Gesammelte Werke*, vol. XIV. Imago Publishing Co., Ltd., London, 1955.

¹⁶³ A ligação entre a percepção da transitoriedade da beleza e o sentimento de luto é um tema central na teoria freudiana. Freud argumenta que a consciência da impermanência pode provocar um estado de luto antecipado, prejudicando a apreciação estética. Para uma discussão mais aprofundada sobre a relação entre luto e percepção estética, consulte Ernest Becker. *Denial of death*. The Free Press. A Division of Macmillan Publishing Co., Inc., 1973, p. 93-124.



prejudicado pelo pensamento de sua transitoriedade¹⁶⁴.

O pesar pela perda de algo que amamos ou admiramos parece tão natural para o leigo que ele o considera como algo óbvio. Para o psicólogo, porém, o luto¹⁶⁵ é um grande enigma, um daqueles fenômenos que não se explicam por si, mas que são atribuídos a outras coisas obscuras. Imaginamos que possuímos uma certa capacidade de amar, chamada libido¹⁶⁶, que no início do desenvolvimento estava voltada para o próprio Eu¹⁶⁷. Mais tarde, mas na verdade desde muito cedo, ela se afasta do Eu e se volta para os objetos que de certa forma incorporamos ao nosso Eu. Se os objetos¹⁶⁸ forem destruídos ou se perderem para nós, nossa capacidade de amar¹⁶⁹ (libido) se torna livre novamente. Ela pode escolher outros objetos como substitutos ou retornar temporariamente ao Eu. Mas por que essa separação da libido de seus objetos deve ser um processo tão doloroso, isso não entendemos e atualmente não podemos derivar de nenhuma hipótese¹⁷⁰. Vemos apenas

¹⁶⁴ Freud identifica um conflito entre o prazer estético e a consciência da transitoriedade. Esta ideia pode ser comparada com as reflexões de filósofos como Schopenhauer, que também destacou a tensão entre a beleza efêmera e o sofrimento humano. Para uma análise mais detalhada sobre este tema, consulte Schopenhauer, *Die Welt als Wille und Vorstellung*, I. Brockhaus, 1919.

¹⁶⁵ Cf. FREUD, Sigmund. Trauer und Melancholie. In S. Freud, *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

¹⁶⁶ De acordo com Roudinesco e Plon (1998, p. 471), o termo de origem latina ‘libido’ foi inicialmente introduzido por Moriz Benedikt (1835-1920), neurologista, e posteriormente pelos pioneiros da sexologia, como Albert Moll (1862-1939) e Richard von Krafft-Ebing (1840-1902). Sigmund Freud adotou o termo com uma interpretação completamente diferente, referindo-se à expressão da pulsão sexual na vida psíquica e, mais amplamente, à sexualidade humana em geral e à infantil em particular. Para Freud, a libido representa causalidade psíquica (neurose), disposição polimorfa (perversão), amor-próprio (narcisismo) e sublimação.

¹⁶⁷ O conceito de ego em Freud representa o ponto de equilíbrio entre as demandas instintivas do id, as pressões do superego e a realidade externa. O ego funciona como um mediador, buscando satisfazer os impulsos do id de forma socialmente aceitável, enquanto também considera as restrições morais do superego e as demandas práticas do mundo exterior. Freud via o ego não apenas como um agente de controle, mas também como um local de conflito e negociação interna, onde ocorre a mediação entre impulsos internos e exigências externas. Inicialmente, como apontam Roudinesco e Plon (1998, p. 210), o termo ‘ego’ foi reintroduzido por Freud para se referir à sede da consciência na pessoa humana, inserindo-o no que ele chamou de primeira tópica. A partir de 1920, Freud reformulou o conceito de ‘eu’ na segunda tópica psíquica, que agora englobava também o superego e o id, sendo o eu relegado, em grande parte, ao domínio do inconsciente. Para uma discussão mais detalhada, consulte Sigmund Freud, *Das Ich und das Es* (1923). In: *Sigmund Freud Studienausgabe*, v. 3, 2000, p. 273-330; Roudinesco, Elisabeth; Plon, Michael. *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 210-2.

¹⁶⁸ A tradução de ‘Objekte’ para o português pode variar, podendo ser traduzido como ‘objetos’ ou ‘objetos externos’ em contextos psicanalíticos.

¹⁶⁹ Cf. FREUD, Sigmund. *Jenseits des Lustprinzips*. Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1920.

¹⁷⁰ Em Freud, quando os objetos amados são destruídos ou perdidos, a capacidade de amar, ou libido, é liberada e pode direcionar-se a novos objetos ou, temporariamente, retornar ao Eu. Esta transferência ou retorno da libido, entretanto, é marcada por um profundo processo de dor que Freud admite não compreender



que a libido se apega aos seus objetos e não está disposta a abandonar aqueles que foram perdidos, mesmo quando há um substituto disponível. Isso, portanto, é o luto¹⁷¹.

A conversa com o poeta ocorreu no verão antes da guerra. Um ano depois, a guerra¹⁷² irrompeu e roubou ao mundo suas belezas. Não apenas destruiu a beleza das paisagens pelas quais passava e as obras de arte que encontrava em seu caminho, mas também quebrou o nosso orgulho pelas conquistas de nossa cultura, nosso respeito por tantos pensadores e artistas, nossas esperanças de superar as diferenças entre povos e raças. Manchou a sublime imparcialidade de nossa ciência, expôs nossa vida instintiva em sua nudez, libertou os espíritos malignos em nós que acreditávamos estarem constantemente controlados pela educação de nossos nobres ao longo dos séculos. Diminuiu nossa pátria novamente e distanciou a terra estrangeira. Roubou-nos tantas coisas que amávamos e revelou a transitoriedade de muitas que acreditávamos ser permanentes.

Não é surpreendente que nossa libido, tão empobrecida em relação aos objetos, tenha se intensificado ainda mais com o que nos resta, que o amor pela pátria, a ternura pelos nossos próximos e o orgulho das nossas semelhanças tenham sido repentinamente fortalecidos. Mas aqueles outros bens, agora perdidos, foram realmente desvalorizados para nós porque se revelaram tão efêmeros e vulneráveis? Para muitos de nós, parece que sim, mas novamente acredito que seja um equívoco. Acredito que aqueles que pensam dessa forma e parecem estar prontos para uma renúncia permanente, porque o precioso não se mostrou duradouro, estão apenas imersos no luto pela perda. Sabemos que o luto, por mais doloroso que seja, se resolve espontaneamente. Quando renunciou a tudo o que foi perdido, ele também se consumiu, e então nossa libido novamente se liberta, para substituir os objetos perdidos por outros novos, de valor igual ou ainda maior, na medida em que ainda somos jovens e vigorosos. É de se esperar que as perdas desta guerra não

completamente. A separação da libido de seus objetos, um evento central no processo de luto, não é facilmente explicável dentro das hipóteses psicanalíticas da época. Observa-se a insistência da libido em manter-se ligada aos objetos perdidos, resistindo à substituição, o que caracteriza o sofrimento inerente ao luto.

¹⁷¹ Freud parece postular que o luto é uma manifestação evidente do apego obstinado da libido aos seus objetos, refletindo a dificuldade em desvincular-se dos mesmos, mesmo quando substitutos estão disponíveis.

¹⁷² Início da Primeira Guerra Mundial.



sejam diferentes. Quando o luto for superado, ficará evidente que nossa apreciação dos bens culturais não sofreu com a experiência de sua fragilidade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, talvez em bases mais sólidas e duradouras do que antes.

Vergänglichkeit

Vor einiger Zeit machte ich in Gesellschaft eines schweigsamen Freundes und eines jungen, bereits rühmlich bekannten Dichters einen Spaziergang durch eine blühende Sommerlandschaft. Der Dichter bewunderte die Schönheit der Natur um uns, aber ohne sich ihrer zu erfreuen. Ihn störte der Gedanke, daß all diese Schönheit dem Vergehen geweiht war, daß sie im Winter dahingeschwunden sein werde, aber ebenso jede menschliche Schönheit und alles Schöne und Edle, was Menschen geschaffen haben und schaffen könnten. Alles, was er sonst geliebt und bewundert hätte, schien ihm entwertet durch das Schicksal der Vergänglichkeit, zu dem es bestimmt war.

Wir wissen, daß von solcher Versenkung in die Hinfälligkeit alles Schönen und Vollkommenen zwei verschiedene seelische Regungen ausgehen können. Die eine führt zu dem schmerzlichen Weltüberdruß des jungen Dichters, die andere zur Auflehnung gegen die behauptete Tatsächlichkeit. Nein, es ist unmöglich, daß all diese Herrlichkeiten der Natur und der Kunst, unserer Ernpfindungswelt und der Welt draußen, wirklich in Nichts zergehen sollten. Es wäre zu unsinnig und zu frevelhaft, daran zu glauben. Sie müssen in irgendeiner Weise fortbestehen können, allen zerstörenden Einflüssen entrückt.

Allein diese Ewigkeitsforderung ist zu deutlich ein Erfolg unseres Wunschlebens, als daß sie auf einen Realitätswert Anspruch erheben könnte. Auch das Schmerzliche kann wahr sein. Ich konnte mich weder entschließen, die allgemeine Vergänglichkeit zu bestreiten, noch für das Schöne und Vollkommene eine Ausnahme zu erzwingen. Aber ich bestritt dem pessimistischen Dichter, daß die Vergänglichkeit des Schönen eine Entwertung desselben mit sich bringe.

Im Gegenteil, eine Wertsteigerung! Der Vergänglichkeitswert ist ein Seltenheitswert in der Zeit. Die Beschränkung in der Möglichkeit des Genusses erhöht



dessen Kostbarkeit. Ich erklärte es für unverständlich, wie der Gedanke an die Vergänglichkeit des Schönen uns die Freude an demselben trüben sollte. Was die Schönheit der Natur betrifft, so kommt sie nach jeder Zerstörung durch den Winter im nächsten Jahre wieder, und diese Wiederkehr darf im Verhältnis zu unserer Lebensdauer als eine ewige bezeichnet werden. Die Schönheit des menschlichen Körpers und Angesichts sehen wir innerhalb unseres eigenen Lebens für immer schwinden, aber diese Kurzlebigkeit fügt zu ihren Reizen einen neuen hinzu. Wenn es eine Blume gibt, welche nur eine einzige Nacht blüht, so erscheint uns ihre Blüte darum nicht minder prächtig. Wie die Schönheit und Vollkommenheit des Kunstwerks und der intellektuellen Leistung durch deren zeitliche Beschränkung entwertet werden sollte, vermochte ich ebensowenig einzusehen. Mag eine Zeit kommen, wenn die Bilder und Statuen, die wir heute bewundern, zerfallen sind, oder ein Menschengeschlecht nach uns, welches die Werke unserer Dichter und Denker nicht mehr versteht, oder selbst eine geologische Epoche, in der alles Lebende auf der Erde verstummt ist, der Wert all dieses Schönen und Vollkommenen wird nur durch seine Bedeutung für unser Empfindungsleben bestimmt, braucht dieses selbst nicht zu überdauern und ist darum von der absoluten Zeitdauer unabhängig.

Ich hielt diese Erwägungen für unanfechtbar, bemerkte aber, daß ich dem Dichter und dem Freunde keinen Eindruck gemacht hatte. Ich schloß aus diesem Mißerfolg auf die Einmischung eines starken affektiven Moments, welches ihr Urteil trübte, und glaubte dies auch später gefunden zu haben. Es muß die seelische Auflehnung gegen die Trauer gewesen sein, welche ihnen den Genuß des Schönen entwertete. Die Vorstellung, daß dieses Schöne vergänglich sei, gab den beiden Empfindsamen einen Vorgeschmack der Trauer um seinen Untergang, und da die Seele von allem Schmerzlichen instinktiv zurückweicht, fühlten sie ihren Genuß am Schönen durch den Gedanken an dessen Vergänglichkeit beeinträchtigt.

Die Trauer über den Verlust von etwas, das wir geliebt oder bewundert haben, erscheint dem Laien so natürlich, daß er sie für selbstverständlich erklärt. Dem Psychologen aber ist die Trauer ein großes Rätsel, eines jener Phänomene, die man selbst nicht klärt, auf die man aber anderes Dunkle zurückführt. Wir stellen uns vor, daß wir ein



gewisses Maß von Liebesfähigkeit, genannt Libido, besitzen, welches sich in den Anfängen der Entwicklung dem eigenen Ich zugewendet hatte. Später, aber eigentlich von sehr frühe an, wendet es sich vom Ich ab und den Objekten zu, die wir solcher Art gewissermaßen in unser Ich hineinnehmen. Werden die Objekte zerstört oder gehen sie uns verloren, so wird unsere Liebesfähigkeit (Libido) wieder frei. Sie kann sich andere Objekte zum Ersatz nehmen oder zeitweise zum Ich zurückkehren. Warum aber diese Ablösung der Libido von ihren Objekten ein so schmerzhafter Vorgang sein sollte, das verstehen wir nicht und können es derzeit aus keiner Annahme ableiten. Wir sehen nur, daß sich die Libido an ihre Objekte klammert und die verlorenen auch dann nicht aufgeben will, wenn der Ersatz bereit liegt. Das also ist die Trauer.

Die Unterhaltung mit dem Dichter fand im Sommer vor dem Kriege statt. Ein Jahr später brach der Krieg herein und raubte der Welt ihre Schönheiten. Er zerstörte nicht nur die Schönheit der Landschaften, die er durchzog, und die Kunstwerke, an die er auf seinem Wege streifte, er brach auch unseren Stolz auf die Errungenschaften unserer Kultur, unseren Respekt vor so vielen Denkern und Künstlern, unsere Hoffnungen auf eine endliche Überwindung der Verschiedenheiten unter Völkern und Rassen. Er beschmutzte die erhabene Unparteilichkeit unserer Wissenschaft, stellte unser Triebleben in seiner Nacktheit bloß, entfesselte die bösen Geister in uns, die wir durch die Jahrhunderte währende Erziehung von seiten unserer Edelsten dauernd gebändigt glaubten. Er machte unser Vaterland wieder klein und die andere Erde wieder fern und weit. Er raubte uns so vieles, was wir geliebt hatten, und zeigte uns die Hinfälligkeit von manchem, was wir für beständig gehalten hatten.

Es ist nicht zu verwundern, daß unsere an Objekten so verarmte Libido mit um so größerer Intensität besetzt hat, was uns verblieben ist, daß die Liebe zum Vaterland, die Zärtlichkeit für unsere Nächsten und der Stolz auf unsere Gemeinsamkeiten jäh verstärkt worden sind. Aber jene anderen, jetzt verlorenen Güter, sind sie uns wirklich entwertet worden, weil sie sich als so hinfällig und widerstandsunfähig erwiesen haben? Vielen unter uns scheint es so, aber ich meine wiederum, mit Unrecht. Ich glaube, die so denken und zu einem dauernden Verzicht bereit scheinen, weil das Kostbare sich nicht als haltbar bewährt hat, befinden sich nur in der Trauer über den Verlust. Wir wissen, die Trauer, so



schmerzhaft sie sein mag, läuft spontan ab. Wenn sie auf alles Verlorene verzichtet hat, hat sie sich auch selbst aufgezehrt, und dann wird unsere Libido wiederum frei, um sich, insofern wir noch jung und lebenskräftig sind, die verlorenen Objekte durch möglichst gleich kostbare oder kostbarere neue zu ersetzen. Es steht zu hoffen, daß es mit den Verlusten dieses Krieges nicht anders gehen wird. Wenn erst die Trauer überwunden ist, wird es sich zeigen, daß unsere Hochschätzung der Kulturgüter unter der Erfahrung von ihrer Gebrechlichkeit nicht gelitten hat. Wir werden alles wieder aufbauen, was der Krieg zerstört hat, vielleicht auf festerem Grund und dauerhafter als vorher.

Referências

Andreas-Salomé, L. (1964). *The Freud Journal* (S. A. Leavy, Trans. & Introduction). New York, NY: Basic Books, Inc.

Astor, D. (2016). *Lou Andreas-Salomé*. L&PM Pocket.

Becker, E. (1973). *Denial of death*. The Free Press.

Campbell, J. (2008). *The hero with a thousand faces*. New World Library.

Carrier, D. (2008). *A world art history and its objects*. Penn State Press.

Freedman, R. (1998). *Life of a Poet: Rainer Maria Rilke*. Northwestern University Press.

Freud, S. (1916). Vergänglichkeit. In *Das Land Goethes 1914–1916. Ein vaterländisches Gedenkbuch* (pp. 37-38). Stuttgart und Berlin: Deutsche Verlags-Anstalt.

Freud, S. (1920). *Jenseits des lustprinzips*. Internationaler Psychoanalytischer Verlag.

Freud, S. (1949). Zeitgemässes über Krieg und Tod (1915). In: *Gesammelte Werke*, vol. X. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, p. 323-55.



Freud, S. (1955). Hemmung, Symptom und Angst (1926). In *Gesammelte Werke* (Vol. XIV). London: Imago Publishing Co., Ltd.

Freud, S. (1957). Mourning and melancholia (1917 [1915]). In J. Strachey (Ed.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 239-260). London: Hogarth Press and the Institute of Psycho-analysis.

Freud, S. (1957). On Transience (1916 [1915]). In J. Strachey (Ed.), *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 303–307). London: Hogarth Press and the Institute of Psycho-analysis.

Freud, S. (1999). Trauer und Melancholie (1917 [1915]). In S. Freud, *Gesammelte Werke – Chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.

Freud, S. (2000). Das Ich und das Es (1923). In Sigmund Freud *Studienausgabe* (Vol. 3, pp. 273-330).

Freud, S. (2022). *Die zukunft einer illusion*. BoD–Books on Demand.

Heidegger, M. (2012). *Der ursprung des kunstwerkes*. Klostermann.

Lehmann, H. (1966). A conversation between Freud and Rilke. *The Psychoanalytic Quarterly*, 35(3), 423-427.

Levine, M. (2018). Freud's aesthetics: artists, art and psychoanalysis. In *Psychoanalysis and Philosophy of Mind* (pp. 137-162). Routledge.

Polan, D. B., Jauss, H. R., & Bahti, T. (1983). Toward an aesthetic of reception. *Journal of Aesthetics and Art Criticism*, 41(3), 354.



Razinsky, L. (2015). On Time, Transience and Literary Creation: Freud and Rilke a Century Ago. *Forum for Modern Language Studies*, 51(4), 464-479.

Rilke, R. M. (2013). *Elegias de Duíno*. Porto Alegre: Globo Livros.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro, Trans.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Schopenhauer, A. (1919). *Die Welt als Wille und Vorstellung, I*. Brockhaus.

Vattimo, G. (1999). *La fine della modernità*. Milan: Garzanti.

Winter, J. (1998). *Sites of memory, sites of mourning: The Great War in European cultural history*. Cambridge University Press.